



EXPERIÊNCIAS EM ARTE/EDUCAÇÃO: PROCESSOS METODOLÓGICOS APLICADOS EM UM CURSO DE EXTENSÃO NO CAMPO DAS VISUALIDADES

EXPERIENCES IN ART EDUCATION: METHODOLOGICAL PROCESSES APPLIED IN AN EXTENSION COURSE IN THE FIELD OF VISUALITIES

Nicolas Andres Gualtieri¹
Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Os conceitos que permeiam a modernidade e a pós-modernidade em contextos criativos propõem mudanças a partir da inserção de novas linhas de pensamento, ferramentas tecnológicas e motivações dentro da concepção de projeto. Dentre esses vários conceitos, a sinestesia no campo da construção das imagens nos permite olhar de forma decolonial para nossas imagens, com respeito e contato com o espectador, permitindo um diálogo e uma comunicação mais fluida e eficiente. Nesse contexto, o curso de extensão “Arte/Educação: Mediações e Provocações para Pensar o Futuro do Campo das Visualidades”, organizado pela Faculdade Senac Goiás, propôs um espaço de debate para essas e outras temáticas que abrangem não apenas profissionais da área, mas também uma sociedade que demanda e consome visualidades. Assim, são apresentados resultados e expressões visuais que buscam dialogar com a busca de identidade em uma profissão em constante transformação.

Palavras-Chave: Arte/educação. Visualidades. Sinestesia. Processos metodológicos.

ABSTRACT

The concepts that permeate modernity and post-modernity in creative contexts propose changes based on the insertion of new lines of thought, technological tools and motivations within project conception. Among these various concepts, synesthesia in the field of image construction allows us to take a decolonial look at our images with respect and contact with the viewer who watches them, allowing for a more fluid and efficient dialog and communication. In this context, the extension course “Art education: mediations and provocations for projecting a future field” organized by the Senac Goiás College, proposed a space for debate on these and other themes that not only cover professionals in the field, but also a society that demands and consumes visualities. Thus, results and visual expressions are presented that seek to dialog with the search for identity in a profession in constant transformation.

Keywords: Art education. Visualities. Synesthesia. Methodological processes.

INTRODUÇÃO

¹ Possui graduação em Licenciatura em Design de la Comunicación Visual - UNL (Argentina). Especialista em História e Narrativas Audiovisuais pela FH/UFG, Mestre e Doutor em Artes e Cultura Visual pela FAV/UFG. Atualmente realizando uma instância Pós-doutoral em Design na Universidade Anhembi Morumbi de São Paulo. Na atualidade, sou professor na FAV/UFG, coordenador do curso de Design Gráfico na Faculdade SENAC-GO e diretor do escritório de design Cônico (www.conicodesign.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0149245863233099>



Projetar. Uma palavra que define o ato de pensar onde, como e por que de qualquer instância de desenvolvimento. Pensando do ponto de vista da arte/educação, podemos iniciar um processo de compreensão do problema inicial e das diversas instâncias projetuais e metodológicas que nos levam a atingir um resultado. De acordo com a perspectiva da docência, o planejamento do processo de mediações conduz os estudantes a se aproximarem de um determinado conhecimento. No campo mercadológico, projetar está totalmente ligado a descobrir uma perspectiva futura de realização que esteja vinculada a objetivos e metas relacionadas a resultados econômicos ou a posicionamento logístico. Podemos concordar que o projetar nos leva a pensar e encontrar soluções futuras em diversos contextos onde podemos ter um resultado provável. Ao tentarmos relacionar a palavra projetar com o conceito de campo (BOURDIEU, 2004), especificamente o campo do design, da arte e da cultura visual, perceberemos que pensar em como projetar este campo para o futuro é um desafio significativo em um contexto de tantas incertezas, debates e provocações que afetam o mundo atual.

Tendo estudado o mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Artes e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás e pesquisado sobre as experiências imagéticas no campo da arte/educação e dentro do âmbito metodológico do design nas salas de aula, atualmente, como professor, pesquisador e coordenador do Curso de Design Gráfico da Faculdade Senac Goiás em Goiânia, percebo os desafios de coordenar e lidar com as necessidades de uma área do conhecimento, como a comunicação visual e a arte/educação, que está em constante mudança. Áreas de interesse (agentes de poder), como o aspecto mercadológico, experiencial, acadêmico, da inovação e atualização permanente, geram fricções que condicionam o aprendizado e a forma como percebemos e atuamos dentro do campo.

Nesse contexto, o objetivo dessa pesquisa foi realizar um curso de extensão no contexto da Faculdade Senac Goiás e mediar uma série de processos metodológicos, provocações e dinâmicas que permitissem aos participantes discutir o campo futuro da arte/educação, do design e da cultura visual a partir de uma perspectiva construtiva. O intuito foi promover uma série de debates que resultassem



em um retorno social à comunidade sobre as produções imagéticas e o papel do designer de comunicação visual nesse contexto.

Para isso foi desenvolvida uma estrutura curricular do curso, as dinâmicas e processos metodológicos dos diversos encontros. Também os participantes foram instigados durante os debates e, nesse contexto, coletados resultados a partir de perceber repetições e ausências, além de realizar anotações dos processos didáticos e os *feedbacks* obtidos no final da experiência. Também foram analisados os resultados do curso e sua projeção social, destacando as ações que podem ser levadas como proposta curricular para a graduação em Design Gráfico como apontamentos para projetar esse campo futuro. Portanto, esse artigo, reúne resultados, considerações e apreciações a respeito do processo desenvolvido.

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa e etnográfica

Este projeto teve caráter qualitativo e, em decorrência dessa escolha, foi trabalhado com uma abordagem etnográfica, descritiva e com o processo narrativo biográfico, utilizando também a observação participante. Sandin Esteban (2010) apresenta as metodologias da narrativa biográfica, etnográfica, estudo de caso e pesquisa-ação como as mais significativas da pesquisa qualitativa. Escolhi trabalhar com essas metodologias porque, de acordo com a perspectiva de Lüdke e André (1986), esse tipo de pesquisa se caracteriza pela possibilidade de retratar a realidade de forma completa e profunda, utilizando uma variedade de fontes de informação e experiências, e enfatizando a interpretação de um contexto, o que requer o exercício da prática reflexiva. De acordo com Atkinson e Hammersley (1994), a etnografia é uma abordagem metodológica que nos ajuda a estudar e compreender atividades, relações e práticas cotidianas por meio da observação. Como procedimento metodológico, a etnografia nos ajuda a evitar algumas armadilhas, como confiar em explicações que alguns atores sociais apresentam como comportamentos gerais, mas que, em muitos casos, são apenas simulações de experiências (ATKINSON & HAMMERSLEY, 1994).



Descrição etnográfica e observação participante

Segundo Geertz (1989), a descrição etnográfica apresenta, em primeiro lugar, o que o autor entende por cultura, visto que existe uma diversidade de conceitos. Para ele, a cultura não simboliza um poder ao qual possam ser atribuídos comportamentos e acontecimentos sociais nas instituições e seus processos. Ao contrário, o que de fato a cultura simboliza é um contexto no qual todos esses elementos estão inseridos. Como explica o próprio autor:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (GEERTZ, 1989, p.15).

Geertz (1989) entende a antropologia como uma ciência interpretativa e experimental, e a cultura como um texto em que são possíveis diversas interpretações, e não uma mera descrição. Nesse sentido, a descrição densa seria o caminho adequado à análise interpretativa, pois nela seria possível diferenciar uma piscadela de um tique nervoso, mesmo que ambas as coisas utilizassem o ato de contrair a pálpebra direita (GEERTZ, 1989). As etnografias elaboradas a partir da descrição se caracterizam por uma percepção mais aguçada, na qual se percebem as “miudezas”, fazendo uma descrição que identifique as características particulares dos participantes, suas percepções, expressões, manifestações corporais e, sobretudo, suas críticas.

Minha posição como observador e pesquisador durante a elaboração das metodologias e sua aplicação no curso pressupôs uma discussão do conceito metodológico de *observador participante* de Malinowski (1978), ou seja, estabelecer uma participação adequada do pesquisador em relação ao grupo observado, visando reduzir a estranheza recíproca. Por isso, o curso de extensão abrangeu vários encontros, o que permitiu estabelecer debates, troca de ideias e vínculos cotidianos com os participantes, permitindo minha integração ao espaço de forma orgânica e



recíproca, por pertencermos ao mesmo campo e identificarmos situações cotidianas semelhantes.

DESENVOLVIMENTO

O curso de extensão gratuito contou com quatro encontros com diversos eixos temáticos, totalizando 20 horas. O público-alvo foi composto por alunos de graduação em instância avançada e egressos de diversas instituições de ensino de educação, artes, design e cultura visual da cidade de Goiânia. O curso também foi direcionado para profissionais de comunicação visual e áreas afins. Foi realizada uma divulgação geral do projeto, com inscrições prévias, totalizando 30 inscritos.

Primeiro encontro | Eixo I: Pensar além, voltando às origens

O primeiro encontro trouxe provocações para refletir sobre a situação atual do campo da arte/educação, do design e da cultura visual, e sobre a motivação dos participantes para estarem presentes. Por que estudamos visualidades? O que nos preocupa em relação ao futuro? O que nos condiciona na atualidade? A quais outras áreas associamos as visualidades? Como entendemos a arte/educação e as visualidades na pós-modernidade? Assim, os participantes escreveram palavras ou frases, e montamos um rizoma de conexões. Entre elas, surgiram palavras como “identidade”, “empatia”, “cultura”, “ensino”, “construção” e “experiência”, que permeiam as áreas da educação e das visualidades. No entanto, também apareceram palavras e frases como “cansaço”, “falta de perspectiva”, “falta de regulamentação” e “exploração”, como apontamentos de caráter negativo, que evidenciam um desgaste para os profissionais que atuam na área, identificando fraturas e dificuldades no exercício da profissão.

Foi apresentado o conceito de campo, propondo uma revisão das origens dos conceitos. Ainda foi empregado um jogo de tabuleiro para exemplificar o estado atual do campo, onde foi demonstrada a instabilidade do jogo e dos participantes, com regras confusas que beneficiam setores de poder específicos. Os participantes



apontaram as complexidades de lidar com o campo de atuação nos espaços laborais que frequentam habitualmente.

Nesse contexto, foi introduzida a modernidade e a pós-modernidade como estruturas e fatores que caracterizam a sociedade e influenciam a forma como percebemos e construímos as profissões vinculadas à educação e às visualidades. Lucia Santaella (2009) nos apresenta um quadro resumido das principais oposições entre modernidade e segunda modernidade, que é de grande auxílio para uma visão sintética da questão. Lendo-se a coluna da esquerda como modernidade e a da direita como pós-modernidade, temos:

- crítica da ambiguidade (purificação) vs aceitação da ambiguidade (pluralismo);
 - estrutura, regras e firmeza vs redes, pontos de fuga e fluxos;
 - segurança, certeza e risco, incerteza;
 - durabilidade vs fluidez;
 - previsão vs imprevisão;
 - estabilidade crescente vs liquidificação crescente;
 - continuidade e evolução vs descontinuidade e mudança;
 - orientação para um alvo vs orientação processual;
 - ordem nacional vs contingência cosmopolita;
 - conexões estáveis vs conectividade como programa e projeto;
 - estruturas nacionais de longo alcance vs estruturação transnacional para o tempo;
 - fronteiras sólidas e manutenção das fronteiras vs fronteiras flexíveis e administração das fronteiras.
- (SANTAELLA, 2009, p. 141)

Assim, iniciamos o processo de tentar compreender como esses aspectos influenciam o campo da arte/educação, vinculado a disciplinas e áreas que trabalham no desenvolvimento de imagens e cultura.

Para encerrar o primeiro encontro, novos questionamentos foram colocados em pauta: Como podemos projetar e nos situar em um campo em constantes transformações? De que forma as características que atravessaram nossa educação nas visualidades podem interagir com as características da estrutura pós-moderna de uma profissão tão mutável?

Segundo encontro | Eixo II: Pensando novos processos de valor agregado | 4h

No segundo encontro, começamos questionando a cultura do imediatismo das artes prontas, o uso de aplicativos de inteligência artificial que geram templates e



o mercado que demanda profissionais "express". Isso tem retirado o valor agregado dos processos de projeção e cultura. Analisamos, então, a modernidade e suas demandas de mercado, contrapostas às pautas que permeiam a pós-modernidade, e como educar e projetar de maneira mais saudável, trabalhando conceitos como identidade nacional, ativismo, representatividade e latinidade como valores agregados. Consideramos os estudantes participantes como agentes criadores de visualidades que envolvem atitudes políticas e culturais.

Assim, surge a sinestesia na arte/educação como uma proposta que busca identidade e trabalha valores decoloniais. De acordo com Plaza (2003, p.46), “muito mais do que o real, o que os nossos sentidos captam é o choque das forças físicas com os receptores sensoriais”. Vale lembrar as seguintes palavras de Plaza (2003, p.46):

A palavra “sentidos” é tão enganosa quanto o conceito de “sensação”, pois não existem sentidos departamentalizados, mas sinestesia como inter-relação de todos os sentidos. A sinestesia, como sensibilidade integrada ao movimento e inter-relação dos sentidos, garante-nos a apreensão do real.

A sinestesia, vinculada à arte/educação, instiga o projetista, artista, pesquisador e produtor visual a procurar internamente processos emocionais que produzam imagens vinculadas aos sentidos e aos sentimentos, memórias individuais e coletivas, repertórios de consumo, sensações nostálgicas e relações cotidianas entre os sujeitos sociais.

Imagem 1 – Fotografias do segundo encontro.



Fonte: registro do autor.

Na arte/educação, a busca pela construção de ideias sinestésicas nos vincula às nossas raízes de identidade latino-americanas, à nossa história



sociocultural, e nos permite produzir visualidades mais empáticas e conceitualmente vinculadas ao cotidiano e à história do nosso público. Isso contrasta com o que o design da modernidade propõe: elementos superficiais, instantâneos e meramente ilustrativos, que não permitem múltiplas leituras e não se conectam emocionalmente com o público. Pelo contrário, são descartáveis e instigam o consumo pelo mero consumo.

Terceiro encontro | Eixo III: Projeção | 4h

O terceiro encontro começou com os participantes comentando as repercussões de levar os procedimentos sinestésicos da pós-modernidade para os processos metodológicos criativos cotidianos da profissão. Foi mencionado a resistência encontrada nos espaços laborais, mas que, após o primeiro impacto, a receptividade foi positiva devido aos resultados e ao sentimento empático gerado no receptor da comunicação. Também foi colocado em pauta que o processo levou alguns participantes a repensar os objetivos da profissão em suas vidas, encontrando na sinestesia identidade e ressignificação para produzir cultura visual de massas.

Desde o início do curso de extensão, foi destacado que um debate isolado só tem repercussão no espaço determinado. Para evitar isso e seguir os princípios da arte/educação, foi proposto que os participantes do curso escrevessem colunas de opinião ou artigos de até três páginas, para serem avaliados e publicados em uma Coletânea de Artigos do Curso de Design Gráfico da Faculdade Senac Goiás. Além disso, os participantes desenvolveram pôsteres em tamanho A3, com diversas temáticas relacionadas aos debates ocorridos. Esses pôsteres seriam utilizados para compor um painel de *lambe-lambe* em um espaço público da cidade, buscando despertar o interesse e a curiosidade da população sobre o papel do profissional de design e os elementos da comunicação visual, a partir da composição e intervenção espacial.

Assim, após várias horas de projeto e introspecção, os questionamentos e resultados começaram a surgir:

como produtores de visualidades nós estamos criando, provocando e trazendo a subjetividade brasileira para o nosso trabalho, ou estamos apenas



reproduzindo algum tipo de discurso sob a falsa premissa de inovação e empatia nos artefatos que produzimos? (Relatório de Francisco, 2023).

Francisco questiona o trabalho de comunicação desenvolvido de forma automática em agências e escritórios de design, que muitas vezes carrega a premissa de “comunicação empática e humana”. Bárbara, outra participante, ressalta:

No fim, o questionamento “o que tenho para mostrar?” permanece. É algo visualmente bonito a ponto de chamar atenção, mas que não carrega mensagem alguma? É um trabalho que gera sentimentos e pensamentos sobre alguma coisa? É uma arte que não transmite sinceridade e não condiz com os valores pessoais do contratante/empresa/público? Ou é algo que intriga e faz com que o público se sinta incluso?” (Relatório de Barbara, 2023)

A estudante egressa questiona o papel da visualidade e da comunicação, destacando qual é o verdadeiro objetivo de projetar e produzir estética se não for para promover uma comunicação mais empática e conectada ao público.

Quarto encontro | Eixo IV: Um debate aberto | 4h

O quarto encontro ocorreu fora da sala de aula, no espaço Abrigô Coletivo, na cidade de Goiânia, onde foi feito um convite aberto à comunidade para gerar um debate interativo.

O local foi um espaço de trocas, onde foram apresentados os pôsteres gerados, seguidos de comentários e realização da intervenção espacial, misturando os resultados e promovendo trocas entre os participantes e o público.

Imagem 2: Fotografia da intervenção espacial



Fonte: registro do autor.

Imagem 3: Fotografia da intervenção espacial



Fonte: registro do autor.

O lambe-lambe, como técnica, possui um caráter rústico e texturas de intervenção pós-moderna que acentuam ainda mais a identidade de um trabalho manual, personalizado e comunitário. Não há técnica ou forma certa para a atividade de colar e juntar imagens para ressignificá-las; isso é guiado pelo repertório visual individual e uma construção coletiva. A colagem, elemento destacado tanto nos pôsteres quanto na intervenção de forma geral, incorpora elementos de diversas origens, tempos e contextos, para resultar em um espaço de ressignificações e



XXXIII em CAMPOS DOS Goytacazes RJ
CONFAB

CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL

de 15 a 19 de novembro de 2024

Ensino da Arte para Toda Gente:
Acessibilidade, Diversidade e Democracia

múltiplas interpretações, onde o espectador constrói narrativas e se torna co-criador. Através da sinestesia como processo criativo, a busca por identidade e os valores individuais se transformam em um processo comunitário. A arte/educação, por meio da música ou de um artista que marca emoções e significações individuais, também serve como instrumento para a geração de imagens mentais, lembranças e sentimentos entre todos que visualizam o pôster.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após meses de experiência, os questionamentos permanecem presentes, assim como os pôsteres continuam colados naquele mural, questionando e provocando os espectadores.

A sinestesia, como resposta aos questionamentos da modernidade, nos ajuda a trazer reflexões e algumas certezas aos processos criativos com os quais nos deparamos. A arte/educação e os processos que envolvem as visualidades nos provocam e nos convidam a nos engajar de forma menos estruturada e rígida com os processos criativos, mas nos colocam sob a pressão de um compromisso maior com a construção de uma identidade nacional e dos processos decoloniais.

Os feedbacks do curso contemplaram observações construtivas, que destacam tendências de pensamento do design a partir da pós-modernidade, como reforçado por Cauduro (2009) e Santaella (2009). Por exemplo, a ressignificação das motivações na escolha de profissões na área da arte e da cultura visual a partir da aceitação da ambiguidade e do pluralismo nos espaços acadêmicos. Nesse contexto, destaca-se a importância de auxiliar os egressos e profissionais que trabalham com visualidades com atualização e capacitação, motivando-os a continuar produzindo uma comunicação mais empática e de qualidade.

Como pesquisador, arte/educador e coordenador do curso de Design Gráfico da Faculdade Senac Goiás, vejo a necessidade de incentivar os docentes a incluir técnicas metodológicas sinestésicas, espaços de produção e a busca por identidade e por projetos com caráter decolonial. Imagino como podemos trabalhar isso nos contextos de Iniciação Científica, por meio da escrita textual e da construção



visual como formas de expor ideias, opiniões e percepções dos estudantes sobre os repertórios que trazem e seus vínculos emocionais, como forma de se conectarem com os meios de comunicação que consomem e produzem.

REFERENCIAS

- ATKINSON, P., & HAMMERSLEY, M. (1994). Ethnography and participant observation. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 248–261). Sage Publications, Inc.
- BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.
- BRAIDA, F. e NOJIMA, V. L. (2008). Design para os sentidos e o insólito mundo da sinestesia. *INSÓLITO, MITOS, LENDAS, CRENÇAS*, pg. 220.
- CAUDURO, F. V.. Design gráfico e pós-modernidade. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre. 113 – 116, 2009.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E., M., M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- PLAZA, Julio. Sinestesia, percepção e imaginação. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- SANDÍN ESTEBAN, M. P. Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- SANTAELLA, L. O pluralismo pós-utópico da arte. *ARS (São Paulo)* [online]. 2009, vol.7, n.14, p. 130-151. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-53202009000200010&script=sci_arttext. Acesso em 10/11/2013.